

No Rio, uma nova faixa social sobe o morro

Morador de favela já é considerado de classe média pelo critério da FGV

Daniele Carvalho

RIO

A classe média excedeu os limites de bairros tradicionalmente tidos como redutos da população "remediada" e subiu os morros e favelas cariocas. Pelos critérios divulgados esta semana pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), boa parte da população dessas localidades pode ser classificada como classe média.

A referência, no entanto, cria divergências entre os próprios moradores. "Se eu faço parte de alguma classe, é a dos pés-rapados", diz, categórico, o eletricitista Renaldo Dias de Jesus, morador da Favela Tavares Bastos. "Eu me considero de classe média", garante, com o mesmo tom enfático, a dona de casa Ana Paula Pereira, na Rocinha. Ambos têm rendimentos familiares semelhantes.

Em vez de ruas largas e arborizadas, esse contingente da "nova classe média brasileira" se amontoa em vias apertadas, com coleta de lixo deficiente e saneamento precário. Não é di-

fícil encontrar exemplos de inclusão dos emergentes nas ruas da mais famosa favela da América Latina, a Rocinha.

A comunidade, que tem status de bairro, está repleta de famílias que passam o mês com renda igual ou pouco superior a R\$1.064, o piso mensal determinado pela FGV que separa a nova categoria da pobreza. Não é à toa que a favela já abriga três redes diferentes de bancos, financeiras, academias de ginástica e escolas particulares.

A família de Ana Paula, de 28 anos, administra, no apartamento recém-comprado no bairro, renda em torno de R\$1,5 mil. A casa, com sala e três quartos, tem vista para o Cristo Redentor e a Praia de São Conrado, abriga três aparelhos de TV, computador, fogão e geladeira. Na garagem, Ana Paula guarda um carro e uma moto.

"Eu me considero de classe média. Tenho casa própria, carro, computador e meu filho estuda em colégio particular", resume. Seu marido, Fábio Pereira, é chefe de manutenção da cons-

trução civil, um degrau acima de mestre-de-obras. Juntos, eles economizaram R\$ 35 mil, por oito anos, para comprar o imóvel em que vivem há um mês. "Acho que vivo com conforto", diz ela.

'PÉ-RAPADO'

Avaliação oposta é feita pelo eletricitista Renaldo Dias de Jesus, de 55 anos, morador há mais de duas décadas da Favela Tavares Bastos, no Catete, zona sul do Rio, comunidade famosa por sediar o Batalhão de Operações Especiais da PM, o Bope.

Renaldo divide com a mulher, Mércia Correia de Jesus, a filha Patrícia e o neto uma casa humilde, com sinais evidentes de deterioração, como infiltrações e reboco aparente. "Se eu faço parte de alguma classe, é a dos pés-rapados. Classe média eu não sou", diz ele, que tem ren-

da familiar de R\$ 1.100.

O eletricitista conta que está cada vez mais difícil manter a família com esse orçamento. A filha trabalha como recepcionista e colabora com R\$ 400. Com seus trabalhos esporádicos, ele levanta cerca de R\$ 700.

"Não dá para pagar um plano de saúde. Classe média não tem plano de saúde? Minha mãe morreu há um mês por falta de atendimento em um hospital público", queixa-se Renaldo, que não vê perspectiva de melhora de sua situação financeira nos próximos anos. "Com a política que está aí, não vejo meio de mudança", lamenta.

A falta de expectativas com uma vida digna de classe média é também a realidade vivida por Maria Dinilce Lima Ribeiro. A dona de casa, de 56 anos, seu companheiro, uma filha e um neto vivem com renda de R\$

1.200. O rendimento vem do aluguel de quatro quitinetes de um imóvel fora de esquadro que construíram na Rocinha, na localidade conhecida como Largo do Boiadeiro. "O dinheiro não dá para nada. Meu neto vai ter de sair da escola particular para a pública porque o dinheiro cada vez mais dá para menos", lamenta.

Maria Dinilce considera sua casa humilde. Ela diz que ainda não teve dinheiro para colocar janelas em seu apartamento. Uma cortina grossa faz as vezes de um vidro. "Só os meus remédios para pressão custam R\$ 74 por mês. Isso sem falar do material escolar do meu neto. Não tenho luxo. Esse negócio de que eu sou classe média é mentira", irrita-se a dona de casa. ●



ASCENSÃO SOCIAL - Ana Paula e seu filho Leonardo, moradores da Favela da Rocinha, zona sul do Rio: casa própria, carro e computador